

## MORTE E LUTO À LUZ DA PSICOLOGIA DO SENTIDO

DEATH AND MOURNING IN THE LIGHT OF PSYCHOLOGY OF MEANING

Daniel Peixoto de Sousa<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo se constitui enquanto um ensaio reflexivo acerca dos processos envolvendo a morte, tendo em vista que a mesma urge enquanto uma iminente constante à condição animal, todavia, suas nuances, aliadas às inúmeras formas de interpretação, pode gerar sentimentos como intriga, pavor, sofrimento e curiosidade à humanidade, corroborando muitas vezes com a ausência de sentido diante da vida. Dessa forma, por muitos, a relação com o luto atravessa por uma instância negativa no que tange ao sofrimento humano, convergindo em direção a um vazio existencial, promovendo um vasto campo para a manutenção de adoecimentos. Assim, tanto a religiosidade, quanto a espiritualidade podem se constituir enquanto formas de enfrentamento de adversidades, se constituindo enquanto coping, podendo adquirir um teor negativo ou positivo. Por esse viés, o presente artigo se propõe a analisar tais nuances à luz da Psicologia do sentido, a Logoterapia, atravessando um viés histórico e imergindo à experiência da morte, bem como as possibilidades de crescimento da vida diante dela, tendo em vista que falar sobre morte é também elencar a vida.

**Palavras-chave:** Morte; Luto; Espiritualidade; Logoterapia.

**Abstract:** This article constitutes itself as a reflective essay about the processes involving death, considering that it is urgent as an imminent constant to the animal condition, however, its mysteries, allied to the innumerable forms of interpretation, generate intrigue, dread, suffering and curiosity to the humanity, often corroborating with the absence of meaning in life. In this way, for many, the relationship with mourning goes through a negative instance with regard to human suffering, converging towards an existential void, promoting a vast field for the maintenance of illnesses. Thus, both religiosity and spirituality can be urgent as ways of coping with adversities, constituting themselves as coping, which can acquire a negative or positive content. For this bias, this article proposes to analyze such nuances in the light of the psychology of meaning, Logotherapy, crossing a historical bias and immersing in the experience of death, as well as the possibilities of growth in life before it, considering that talking about death is also listing life.

**Keywords:** Death; Mourning; Spirituality; Logotherapy.

---

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Leão Sampaio - Unileão. Email: [dpeixoto329@gmail.com](mailto:dpeixoto329@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Tendo em vista o viés humano enquanto necessitante de sentido, Frankl (2020) salienta que o sentido de algo deve ser encontrado a partir da própria relação com o objeto, transcendendo para além de si, em direção a uma causa, relação, sentimentos e afins. Dessa forma, o sentido parte então por um viés dos próprios valores do indivíduo, ou seja, através do campo subjetivo.

Imergindo à discussão, urge a necessidade de um paralelo quanto à ausência desse sentido, bem como a perda do mesmo, uma vez que, apesar de proporcionarem uma maior aproximação à instancia do vazio existencial, a perda do sentido marca um momento mais inicial, no qual o sujeito consegue lidar com as adversidades da vida, todavia, a ausência de sentido representa um marco mais profundo na condição humana, ao qual o vazio existencial se instaura de maneira mais intensa, muitas vezes aprisionando o sujeito em si mesmo (FRANKL, 2020). Ademais, diante da morte, o que acontece quando relações, pessoas e momentos são perdidos? Existem alguma relação entre sentido e morte? Tais questões serão melhor ampliadas a partir da presente discussão

Além disso, ao adentrar a tal contexto, é imprescindível, antes de mais nada, elevar a compreensão acerca das nuances históricas e culturais que regem o mesmo, dessa forma, Combinato (2006) abarca a temática salientando que o significado de tal processo varia à maneira a qual o humano atribui valor e sentido às coisas com as quais se relaciona. Dessa forma, Duveen (2010) corrobora com tais questões ao elencar as representações sociais, uma vez que as mesmas abrangem tanto a comunicação dos indivíduos, forma pela qual objetos sociais são construídos e significados, quanto a maneira com que são operacionalizadas de forma simbólica e afetuosa dentro das subjetividades de indivíduos, grupos e sociedades.

Assim, Moscovici (2010) urge ao salientar as representações enquanto instrumentos explanatórios que se referem a crenças ou ideias, se constituindo enquanto forma de interpretar e se relacionar com o mundo, uma vez que tais representações carregam símbolos e vieses inerentes a cada contexto, mediando a forma com que o sujeito lida com o externo a partir de comportamentos e pensamentos que lhes foram impostos mediante ao meio em que vive. Ademais, Combinato (2006) destaca as nuances do quesito morte, perpassando o viés da naturalidade outrora vivenciado durante a idade média europeia, e, atravessando os dias atuais, aos quais atribui-se em diversos vieses, o quesito “fracasso” como inerente à morte.

Não obstante, Frankl (2020) salienta que o afastamento de um sentido não se constitui por si só enquanto um viés patológico e sim como uma porta de entrada para tais enfermos, portanto, imergindo às nuances que regem os processos de morte e luto, este texto se objetiva ser um ensaio reflexivo acerca da vida frente à morte, elencando dores, possibilidades de enfrentamento e atribuição de sentido diante da mesma.

**BREVE HISTÓRICO ACERCA DA VIDA DE VIKTOR EMIL FRANKL**

Viktor Emil Frankl, o pai da Logoterapia, de origem judia nasceu em Viena em 26 de março de 1905, assim como visto por Gomes (1992), fora discípulo de Freud aos dezesseis anos, parceria essa que estimulou o jovem a ganhar confiança e a imergir ainda mais no mundo da psicologia. Não obstante a isso, por divergência de ideias, acaba por se distanciar cada vez mais do psicanalista, uma vez que, com base em seus próprios valores, não entende o homem enquanto refém de seus impulsos, elevando o conceito de liberdade e responsabilidade quanto às ações do mesmo.

Ainda com base no autor Gomes (1992), Frankl passa então a se vincular com Adler, relação essa que não dura muito tempo, uma vez que o embate de ideias se torna notório na medida em que Adler acredita no homem enquanto refém à busca pelo poder, e Frankl, cada vez mais seguro quanto às suas concepções, acredita na terapia através do sentido da vida, dando vida à Logoterapia, questão essa que entra em cheque a partir das vivências do próprio autor em campos de concentração. Outrossim, tendo em vista o livro “Em busca de Sentido”, Frankl (2017), o psiquiatria descreve uma experiência em campos de extermínio de pequeno porte, distante dos grandes campos, ressaltando uma batalha maior ainda pela sobrevivência na medida em que observa diversos companheiros perecerem através da inanição, apatia ou táticas de suicídio, como tocar o arame farpado de alta tensão. Ainda com base no autor, tais questões puseram os seus valores em cheque, e o apego à imagem de sua esposa, mesmo que a mesma já não vivesse mais, o manteve determinado frente àquela situação, relação essa inclusive que destaca uma das grandes ênfases da Logoterapia, a questão da liberdade, mesmo diante da iminente exclusão da mesma, debate esse que será mais bem explorado ao decorrer da presente discussão.

**A VISÃO DE HOMEM NA LOGOTERAPIA.**

Tendo em vista a Logoterapia enquanto a terapia através do sentido, assim como visto em Lukas (1986), esta diverge da vontade de prazer da psicanálise, bem como a vontade de poder de Adler, uma vez que, a Psicologia do Sentido entende o homem enquanto um ser agente, ressaltando a capacidade que o mesmo tem de assumir responsabilidades e de transformar a si mesmo frente ao mundo, norteados pela liberdade e com base em seus próprios valores. Todavia, não entende a autorealização enquanto causa última humana, o que corrobora com certo distanciamento das demais abordagens humanistas, por esse viés, a Logoterapia ressalta a transcendência em direção a algo além do sujeito enquanto causa maior à condição humana, é um lançar-se sem esperar um reforço positivo ou unicamente por impulso, realizando um sentido fora de seu próprio mundo.

Com ênfase em Frankl (2011), o ser humano atravessa três dimensões, psíquica, física e noológica, entendendo essa última enquanto espiritual, muito mais por um viés antropológico, a qual

urge enquanto viés imaterial, a partir da relação com instancias que não estão presas ao físico, uma possibilidade do vir a ser. Outrossim, Frankl, com base em Gomes (1992) ressalta a importância de não confundir Logoterapia com religião, uma vez que a espiritualidade aqui tem um significado noológico, além disso, “Deus” passa a ter uma concepção de energia iminente que vem a tona quando as demais já se esvaíram, dessa forma, a dimensão noológica atravessa um viés incorruptível, ao qual patologia alguma poderá se aproximar, é a partir de tal questão que o psiquiatra passa a acreditar no humano de maneira incondicional.

Ainda com base em Lukas (1986) a terceira escola de Viena defende o homem enquanto dotado de três vieses; a liberdade de vontade, a vontade de sentido, e o sentido da vida. Outrossim, a liberdade de vontade urge enquanto instancia humana voltada à tomada de decisão mediante a qualquer circunstancia, é a possibilidade de existir escolha mesmo quando o contexto não convém, conceito esse que remete à própria vivencia de Frankl no campo de concentração.

Ademais, “vontade de sentido” é o cerne da discussão, uma vez que a necessidade, bem como a busca por um sentido, proporciona movimento aos indivíduos. Assim como o homem na psicanálise é movido por um viés de pulsões e faltas, e nas terapias comportamentais enquanto um produto condicionado ao meio, na Logoterapia, há uma busca por valores específicos, exclusivos e de teor objetivo, de maneira a estar voltado ao mundo, não apenas no indivíduo em si. Além disso, tal sentido defende todas e quaisquer convicções humanas enquanto dotadas de sentido, na medida em que mesmo vieses negativos carregam valores. É importante salientar que tais questões são de teor particular e mutável, a depender dos mais variados contextos e vivencias de cada indivíduo.

Por esse viés, Frankl (2017) destaca três formas de se descobrir o sentido na vida; através de um trabalho, hobbies, estudos ou praticando atos; vivenciando, experimentando, se relacionando ou encontrando alguém; ações e atitudes demandadas frente ao sofrimento inevitável, bem como aquilo que pode ser tirado de valor dessa relação. Em suma, percebe-se um movimento para além do indivíduo, dessa forma, faz-se a necessidade de diferenciar as nuances de sentido; se entende sentido na vida, assim como já discutido, enquanto uma relação mutável, sentido do dia a dia, já o sentido da vida, faz jus àquilo que se analisa da vida diante de uma morte iminente, e existe ainda o suprasentido, que se refere ao sentido macro, o que norteia uma população.

## **CONSCIÊNCIA, LIBERDADE E RESPONSABILIDADE E A CONSEQUENTE AUSÊNCIA DE JUNÇÃO ENTRE OS MESMOS À LUZ DA LOGOTERAPIA**

Tendo em vista o cerne humano enquanto ser existencial e de acordo com Frankl (2017), a responsabilidade urge enquanto necessária à própria existência, uma vez que através dela há uma tomada de consciência a partir de quem o paciente julga enquanto responsável por suas ações, tanto

em relação ao meio externo, quanto à sua própria consciência, auxiliando o mesmo à ampliação do sentido com base em seus próprios valores. Não obstante a isso, é imprescindível que o sentido advinha do próprio paciente, o terapeuta não deve impor seus próprios valores ao mesmo. Assim, assumir a responsabilidade quanto ao mundo é entender o homem enquanto liberto em meio a uma infinidade de escolhas, todavia, escolhas geram consequências e é fundamental ter consciência e entender a forma como isso recai no sujeito.

Tais questões remetem à crítica ao modelo pandeterminista, questão que, através do reducionismo, destaca a impossibilidade humana de tomar decisões frente a uma determinada situação, o que diverge, com o levantado na presente discussão, uma vez que a visão de homem não se fecha às influências condicionantes, pelo contrário, entende-se o mesmo enquanto auto-determinante, capaz de mudar o mundo e a si mesmo, elevando assim o conceito de liberdade, todavia, aqui se ressalta a influência da responsabilidade acerca da mesma no aqui-e-agora, na medida em que a primeira instância por si só pode por ventura se degenerar e se perder quanto ao sentido, a não ser que seja vivenciada de fato por um viés de responsabilidade.

Dessa forma, Frankl (2017) salienta a vivência enquanto responsabilidade diante das respostas da vida, entendendo o homem enquanto livre na medida em que pode vir a se manter em condições alienantes ao não, isso é, ter consciência ou não daquela realidade ao qual está inserido. Outrossim, é entender o ser humano enquanto liberto para tomar escolhas mesmo diante da ínfima possibilidade das mesmas.

## **VAZIO EXISTENCIAL**

Ainda com base em Frankl (2017) o nível de vácuo existencial pode se apresentar diante do sofrimento, morte existencial e de sobremaneira, acerca do tédio. Ademais, de acordo com Frankl (1990) está relacionado à perda do sentido da vida, se fechando às possibilidades, caindo naquilo que é aceito pela massa, e se dirigindo ao desespero de outras atividades que não necessariamente estão de acordo com seus próprios valores. Ademais, tais questões podem auxiliar no surgimento de outras patologias assim como a neurose noogênica, uma vez que a mesma salienta um conflito entre a consciência moral e valores empregados à mesma, levando à iminente falta de sentido.

Ademais, Frankl (2005) defende a dimensão humana enquanto procura do sentido da vida, todavia, destaca também a frustração dessa busca enquanto promissora de adoecimentos, imergindo à concepção de neurose de massa, o autor defende a ideia de neurose sociogênica, na medida em que muito das causas de procura clínica atravessam justamente um viés existencial e do sentimento de inutilidade diante da vida, dessa forma, as neuroses abarcam a depressão, suicídio e a toxicodependência enquanto nuances relacionadas à mesma. Essa tríade está pelo menos em parte,

ligada ao sentimento de vazio existencial, uma vez que convegem à dependência de prazeres ou nuances que limitam a busca pelo sentido.

Todavia, Frankl (2020) salienta que a falta de sentido se trata de um tormento mental, portanto, não deve ser tratado enquanto doença por si só, dessa forma, cabe o paciente retornar à sua existência buscando compreender qual é o sentido da mesma, entendendo a responsabilidade mediante à liberdade ao qual está inserido

Além disso, Frankl (2005) ressalta a questão acerca do retorno de antigos valores outrora perdidos enquanto uma cura falha, uma vez que sentido é algo para ser encontrado, e esse processo em busca de sentido é que caracteriza o mesmo, tendo em vista que se constitui mediante à possibilidade de mudança frente à realidade. Por esse viés, o psiquiatra destaca o preenchimento desse vazio enquanto método terapêutico na medida em que o sentido passa a limitar o desenvolvimento de neurose.

### **AS NUANCES QUE REGEM O LUTO**

O termo luto se constitui a partir de atravessamentos históricos, variando dentre os mesmos, bem como condizente à cultura. Dessa forma, Combinato (2006) urge ao imergir a tais concepções, ao divergir a morte, que para além de um processo biológico, passara de uma celebração para um sinônimo de fracasso. Tal temática vem à tona ao analisar tais processos inerentes à Idade Média, assim como visto por Rodrigues (2001) os cemitérios se constituíam no meio das grandes cidades, espaço comumente habitado para a manutenção de quaisquer atividades humanas, por esse viés, a morte passa então a ser significada enquanto um processo natural. Ainda sob ótica do autor, a partir do advento da burguesia, bem como a relação com a modernidade industrial, além do desenvolvimento da medicina, o corpo então capital passou a ser negligenciado na medida em que perde sua utilidade ao sistema, dessa forma, passa a ser separado cada vez mais do mundo dos vivos.

Além disso, Ariès (2012) imerge nas questões voltadas ao destino de muitos dos cadáveres da Idade Média, tendo em vista que boa parte, principalmente os mais desprovidos economicamente eram alocados às igrejas da época, o que, além de promover uma desigualdade mesmo diante da morte, se elenca um viés espiritual na medida em que os mortos retornariam ao paraíso sem atravessar uma responsabilização por seus atos, sejam esses de qualquer natureza. Tal questão começa a mudar com o advento da influência do viés bíblico de Mateus, instaurando assim um juiz no que tange à ressurreição dos mortos. Dessa forma, instaurou-se o embate entre a morte enquanto redutora de diferenças entre os vivos e as ordens religiosas que exerciam uma grande influência no morrer, ressaltando um olhar ao qual o homem passa a rever sua vida inteira quanto ao seu leito de morte, dessa forma, reviveria boas ações, falhas e suas atitudes frente àquele momento iriam decidir quanto

à manutenção de seus pecados, seja a falta de resistência frente à tentação ou se os mesmos seriam apagados caso consiga resistir a esse momento.

Falar sobre morte é antes mesmo, falar sobre vida, todavia, no que tange à modernidade, tais questões se tornaram defasadas na medida em que a morte se dirigiu aos centros mais específicos de cuidado, ao qual Combinato (2006) destaca limitar o aspecto humano, uma vez que silencia emoções e sentimentos em direção a uma decomposição discreta da vida, divergindo ainda mais do processo natural outrora vivenciado. Por esse viés, Rodrigues (2006) destaca que o processo envolvendo a morte divergente tanto de um ponto de vista do animal, quanto do humano, no primeiro, não envolve um comportamento convencional, tendo em vista que mesmo não se vê enquanto indivíduo, e por isso não consegue avaliar sua morte, nos humanos, a consciencia dessa individualidade muitas vezes enrijece o seu processo de perda.

Ariès (2012) ressalta que quando voltado a esses centros do cuidado, a morte passa a ser manuseada por médicos e sua equipe, definindo o processo, bem como buscando uma aceitação por parte do paciente, aceitação essa que muitas vezes não é recíproca uma vez que as emoções passam a ser silenciadas em tal ambiente. Dessa forma, a relação com o morrer passou a se tornar cada vez mais distante, corroborando com Kubler-Ross (1996) ao destacar a solidão impessoal condizente ao processo de morte. Ademais, tais questões promovem inclusive uma distância no processo de elaboração do luto, questão essa que será mais bem debatida ao longo da presente discussão.

## **AS TAREFAS CONDIZENTES AO LUTO**

É importante ressaltar que luto não condiz unicamente com a perda física de um ente querido, uma vez que está também relacionado às relações em si, sejam sociais, amorosas ou mesmo aquelas voltadas a si mesmo, perdas remetem a rupturas no equilíbrio emocional, social e afetivo, e quando não vivenciadas de forma genuína, podem auxiliar na manutenção de diversos transtornos. Dessa forma, Combinato (2006) salienta a “morte simbólica”, processo ao qual simboliza um novo período a partir de mortes de características próprias, processo necessário para a reorganização e consequente resignificação da vida.

Todavia, é importante salientar que, assim como visto em George Engel (1963), conforme citado por Worden (2013), apesar de perpassar um afastamento do bem-estar, o luto não necessariamente atravessa um viés patológico, muito dos sentimentos, sensações e comportamentos são comuns e inerentes às formas do indivíduo de lidar com o processo, importante ressaltar aqui que não há um tempo fixo demandado em prol a “recuperação”, uma vez que mesmo após aceitar intelectualmente, a aceitação emocional urge enquanto um viés mais delicado.

Entretanto, quando não elaborado, o luto pode contribuir para o aparecimento de quadros clínicos. Dessa forma, Worden (2013) discorre acerca das tarefas do luto, o primeiro condiz com a aceitação de que o ente se fora e de que não haverá mais um retorno, divergindo inclusive do processo de negação, há pouco discutido. A segunda tarefa condiz com o processo de dor, ao qual o enlutado deve se permitir à angústia, tal quesito inclusive atravessa a prática do psicólogo, ao qual deve auxiliar na busca por esse sofrimento da melhor maneira possível. Ademais, a terceira tarefa abarca os ajustamentos, seja a partir do externo, relacionado ao ambiente, às demais relações, seja interno, condizente à mudança no self, ou espiritual, relacionada à concepção de mundo e direcionamento de vida, o que corrobora com a fase espiritual de Frankl que será posteriormente debatida na presente discussão. A quarta tarefa refere-se ao encontro de uma conexão com a pessoa morta em meio a um início de uma nova vida, entender que apesar da relação física ter chegado ao fim, o lado afetivo ainda está presente, é levar consigo pertences ou simplesmente memórias que remetam ao ente.

Ademais, as tarefas do luto atravessam um viés de enfrentamento, não ocorrendo de maneira necessariamente simultânea, tendo em vista o viés humano condizente a cada indivíduo, bem como os mediadores aos quais recebem influencia, além disso, em um cenário ideal, nenhuma tarefa exclui a importância das demais.

## **A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NO LUTO**

É possível fazer um paralelo com Ariès (2012) ao imergir às concepções da noção de morte e religião, dividindo a mesma em dois períodos: o primeiro, denominado Morte Domada, representa uma maior familiaridade com a morte, a qual o indivíduo sentia sua aproximação e a aceitava enquanto um processo natural, salientando gestos rituais, inclusive cruzar os braços em forma de cruz, ou curvar-se em direção ao Oriente, voltado a Jerusalém, sendo muito influenciada por conta da igreja católica. Ainda com base no autor, a segunda concepção fora denominada Morte Selvagem, processo ao qual devido ao advento das idéias iluministas, bem como dos avanços da medicina, as questões condizentes ao processo de morte foram gradualmente deslocadas à esfera privada, invertendo assim o comportamento em torno da morte na medida em que a recusa. Outrossim, a influência da igreja católica representa uma força muitas vezes contraditória, em que, com ênfase na Morte Domada, promovia uma elaboração da morte, através dos mais diversos rituais, todavia, poderia também reproduzir alienação, tendo em vista que a instituição detia o poder sobre os corpos, além da possibilidade de atribuir à categoria de “mau” àqueles que não estivessem de acordo com os seus alinhamentos, destituindo o ser daquele que morria. Assim, a religião assume tanto um viés de coping positivo, quanto negativo

Dessa forma, Pargament (1998) imerge à concepção de coping religioso enquanto o uso da fé, espiritualidade ou religião no enfrentamento de situações aversivas ao longo da vida, encorajando a tomada de decisões, bem como fortalecendo o indivíduo. Ainda sob ótica do autor, o coping pode ser entendido por um viés positivo, que promova o contato com o sagrado de maneira saudável, confortável e negativo, ressaltando uma culpabilização do sujeito na medida em que salienta mais situações de estresse.

A religião, segundo Thiengo (2019), urge enquanto um sistema organizado de crenças, símbolos, leis e rituais que propiciam com maior facilidade, o contato do indivíduo com o sagrado. Todavia, Pinsky (2017) ressalta que a mesma se constitui enquanto extremamente variável mediante ao contexto histórico e cultural ao qual está inserida. Além disso, Valle (2005) corrobora com tal questão ao discorrer acerca das religiões enquanto criações culturais, as quais influenciam nas mais diversas nuances dos seres dotados de consciencia, urgindo assim o termo *Homo Religiosus*, ressaltando toda a experiencia enquanto vigente única ao ser Absoluto.

Outrossim, de acordo com Valle (2005) a religiosidade se constitui justamente enquanto a adesão que os indivíduos vão apresentar mediante às crenças advindas de determinada instituição religiosa, bem como o grau de influencia que tal relação apresenta em sua vivencia. Dessa forma, compreende-se enquanto uma resposta ao aprendizado mediante ao contexto social, dentro de valores, normas, crenças, ritos e afins.

Ademais, a espiritualidade, com base em Thiengo (2019) parte para um viés mais amplo, com ênfase no que tange ao subjetivo, uma vez que se constitui enquanto busca e reflexão da relação com esse sagrado, estando ligadas ou não a uma religião. Ampliando tal debate, Viktor Frankl (2017) trás a compreensão de homem mediante às dimensões: psicológica, física e noológica, entendendo essa última enquanto espiritual, muito mais por um viés antropológico e imaterial, a partir da relação com instancias que não estão presas ao físico, promovendo uma possibilidade de vir a ser. Ainda sob ótica do psiquiatra, tal dimensão atravessa um viés incorruptível ao qual patologia alguma tem domínio, nesse sentido, a ideia de “Deus” passa a ter uma concepção de energia iminente que vem a tona quando as demais já se esvaíram.

Portanto, mediante ao explicitado, imerge-se à compreensão das nuances entre o campo organizacional e ideológico da religião e o experiencial e afetivo da espiritualidade, por esse viés, Rican (2003) salienta a espiritualidade enquanto espontaneidade, na medida em que conota um viés criativo de liberdade de busca e experimentação religiosa individual.

A religião, assim como visto em Monteiro (2020) se constitui enquanto um processo dinâmico, ressaltando o constante movimento do homem em busca de sentido na medida em que atribui um viés sagrado a essa busca. Dessa forma, a relação com o divino pode vir a fornecer um suporte capaz de

auxiliar no enfrentamento de agentes e situações estressores, perdas e tragédias, todavia, não se prende exclusivamente a um viés mais negativo da condição humana, uma vez que a mesma pode assumir papéis de significado nos mais diversos âmbitos, sejam através de celebrações, festividades ou mesmo na forma com que os indivíduos se relacionam entre si.

## O LUTO À LUZ DA LOGOTERAPIA

Quando relacionado à temática do luto, Franco (2021) salienta que a espiritualidade transcende quaisquer barreiras na construção de um significado, tendo em vista que a cultura se estabelece enquanto regras quando ligada às representações sociais acerca da dor, a genética não apresenta arcabouço suficiente para lidar com as questões da alma, e mesmo os símbolos do psiquismo aliado à tentativa de explicação por parte da cognição são suficientes para lidar com as nuances do humano. Assim, Frankl (2005) salienta a inclinação humana a dizer sim à vida apesar de tudo, tendo em vista que a morte, dentro de alguns aspectos, pode despertar para a realização do sentido da vida. Por esse viés, sobre o sofrer, Frankl (2016) salienta que um sentido se cria a partir da realização de valores, ou seja, ao se lançar a tarefa, o que corrobora com as questões voltadas ao luto na medida em que se vivencia a situação de dor e dela se tira um sentido. Por esse viés, se corrobora com tais questões, destacando os enlutados enquanto humanos que ao atravessarem o arcabouço do sofrimento, podem dele criar estratégias para a realização das tarefas do luto, bem como o estabelecimento de um sentido para além dele.

Ademais, tais questões corroboram com o viés humano enquanto necessitante de sentido, assim como visto em Frankl (2017) ao ressaltar a busca de sentido enquanto promotora de movimento existencial, todavia, não significar, bem como negligenciar a vivência do luto, pode corroborar com um enrijecimento do self, se fechando às possibilidades e atravessando a instância do vazio existencial, promovendo o espaço para o desenvolvimento de diversas patologias. Assim, olhar para o sofrimento não significa se submeter unicamente ao mesmo, é corroborar com Frankl (1996) e entender que mesmo o sentimento de luto faz a pessoa perdida sobreviver, afetos, memórias e o amor passam a ser armazenados de maneira subjetiva, no campo interior.

Ademais, imergindo no debate, Frankl (2016) elenca a questão da liberdade enquanto característica humana dotada de responsabilidade, norteadas por valores e sentidos, todavia, os mesmos não podem ser vistos de maneira a submeter o homem à prisão subjetiva, e sim auxiliar no processo de transcendência, tendo em vista que o mesmo precisa se livrar de quaisquer determinismos. Assim, não é negligenciar a dor, é trabalhar a mesma e proferir um olhar além, se elevando em meio àquilo.

A morte é um processo complexo, sem dúvida, todavia, falar da mesma é antes de tudo elencar a vida, é atravessar todo o seu percurso histórico e as nuances que regem o mesmo, é entender que luto não condiz unicamente ao ente que fora perdido, uma vez que, términos de relações, dores, desamparos e até mesmo a morte do “eu” constituem o luto, é atravessar o cuidado defendido por Roselló (2009) e proferir o exercício da receptividade, não voltada exclusivamente aos outros, mas sim para si, é aceitar o doloroso processo de mudança, mesmo que de maneira imposta, e simplesmente cuidar.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente discussão propõe-se a dialogar acerca da relação entre morte e a Logoterapia, apresentando possibilidades diante do processo de luto, compreendendo inclusive que o mesmo não se limita apenas ao fim de uma vida, alcançando patamares de relações, momentos e afetos, e como tal, deve ser vivenciado, divergindo assim do processo de enrijecimento do self. Outrossim, a vivência deve vir a abarcar o próprio processo individual.

É imprescindível salientar que o distanciamento de sentidos não se constitui enquanto patologia, e sim enquanto porta de entrada para a mesma, dessa forma, um luto não vivenciado, pode vir a contribuir de forma imensurável para o estabelecimento de adoecimentos.

Compreende-se inclusive a necessidade de abordar as nuances da temática religiosa e espiritual com maior fevor no que tange ao coping do luto, sobretudo tendo em vista as dimensões humanas vistas em Frankl (2017).

### REFERÊNCIAS

- ARIËS, P. *História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- COMBINATO, D. S ; SOUZA, M. *Morte: uma visão psicossocial*. Estudos de Psicologia (Natal) [online]. 2006, v. 11, n. 2 [Acessado 25 Setembro 2022] , pp. 209-216. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>>. Epub 25 Mar 2007. ISSN 1678-4669. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>.
- DUVEEN, G. Introdução: o poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- ENGEL, G. L. (1961). *Is grief a disease? A challenge for medical research*. Psychosomatic Medicine, 23,18-22
- FRANKL, V. E. *Psicoterapia e Existencialismo: Textos selecionados em Logoterapia*. São Paulo: É Realizações Editora, 2020.

- FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. 42ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- FRANKL, V. E. *A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da Logoterapia*. São Paulo: Paulus, 2011
- FRANKL, V. E. *Um Sentido Para a Vida: Psicoterapia E Humanismo*. São Paulo: Ed. Ideias E Letras, 2005
- FRANKL, V. E. *A questão do Sentido em Psicoterapia*. São Paulo: Papirus, 1990
- FRANKL, Viktor E. *A psicoterapia na prática*. Editora Vozes, 2020.
- FRANCO. *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*. São Paulo: Summus, 2021.
- GOMES, J. C. *A Psicoterapia Existencial Humanista de Viktor Emil Frankl*. São Paulo: Loyola, 1992
- KUBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 299
- LUKAS, E. *A Força Desafiadora do Espírito*. São Paulo: Loyola, 1986
- MONTEIRO, D. Daitx et al. Espiritualidade / religiosidade e saúde mental no Brasil: uma revisão. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.*, São Paulo, v. 40, n. 98, p. 129-139, jun. 2020. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2020000100014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2020000100014&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 15 set. 2022.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010
- PARGAMENT, K. I.; KOENIG, H. G.; PEREZ, L. Patterns of positive and negative religious coping with major life stressors. *Journal for the Scientific Study of Religion*, v. 37, n. 4, p. 710-724, 1998. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/pdf/1388152.pdf?seq=1#page\\_scan\\_t ab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/pdf/1388152.pdf?seq=1#page_scan_t ab_contents). Acesso em: 10 set. 2022
- PINSKY, L et al. Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)* [online]. 2010, v.37,n.1 [Acessado 12 Junho 2022], pp. 12-15. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000100003>
- RICAN, P. Spirituality – A story of a concept. *International Psychology of Religion Conference*. Glasgow, Escócia, 2003.
- RODRIGUES, A. *Psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, (2001)
- RODRIGUES, J. C. *Tabu da morte*. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2006.
- ROSELLÓ, F. *Antropologia do Cuidar*. 1º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

THIENGO, P et al. ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NO CUIDADO EM SAÚDE: REVISÃO INTEGRATIVA. *Cogitare Enfermagem*, [S.l.], v. 24, mar. 2019. ISSN 2176-9133.

Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/58692>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

VALLE, J. E. R. Religião e espiritualidade, um olhar psicológico. In M. M. AmatuZZi (Org.), *Psicologia e espiritualidade* (pp. 83-107). São Paulo: Paulus, 2005.

WORDEN, J. *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto*. 4º ed. São Paulo: Roca, 2013.